

Notícia publicada em: 27/11/2005

À espera do futuro

Luiz Gonzaga Bertelli

Um jovem na fase de escolha de carreira tem uma série de perguntas para responder a si próprio até definir-se pela profissão que acredita ser a de sua vocação. Escolher a mais bem remunerada? Ou a que oferece mais possibilidades de contratação? Optar por uma carreira mais tradicional ou arriscar-se, preferindo as perspectivas apresentadas pela demanda de mercado?

O recém-lançado estudo Retornos da Educação no Mercado de Trabalho, realizado pelo Centro de Políticas Sociais (vinculado ao Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), é um guia bem elaborado para o jovem que ainda não decidiu qual profissão seguir, porque fornece respostas para algumas dessas dúvidas, como, por exemplo, qual é o retorno de diferentes carreiras universitárias. Apresenta, também, ranking das profissões em nível nacional e detalhado para os 27 estados e 200 maiores municípios do país, fornecendo subsídios para as questões como as colocadas no primeiro parágrafo.

O levantamento vai mais longe e avalia o impacto da escolaridade no desempenho no trabalho. O resultado não poderia ser outro. Evidencia que a educação é aspecto fundamental e indispensável à construção e manutenção das carreiras. E que, quanto mais se estuda, melhor é a remuneração. Hoje, no Brasil, os profissionais mais bem remunerados são os pós-graduados em administração. Mas quando os fatores salário e empregabilidade são combinados (uma importante contribuição do estudo), os líderes são os médicos com doutorado, classificados pelo estudo como "doutores ao quadrado", com salários médios de R\$ 5.091 e 93% deles ocupados.

O estudo da FGV traz à reflexão um outro ponto: quantos brasileiros têm, realmente, acesso à educação de qualidade, que garanta um bom futuro profissional? Aqui, o cenário é desanimador. Dados levantados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saerb) indicam que aproximadamente 55% dos alunos de quarta série de nível fundamental situam-se no estágio crítico ou muito crítico em língua portuguesa, apresentando sérias falhas em leitura e interpretação de textos simples. O mau desempenho continua em matemática. Mais da metade - 51,6% - dos alunos de quarta série está em situação crítica ou muito crítica, dividindo a baixa classificação com os alunos da oitava série do fundamental e da terceira série do ensino médio.

Como esperar que, com essa baixa qualidade de formação, surjam profissionais qualificados, merecedores de melhor remuneração, aptos a progredir na carreira e capacitados a atender às exigências da nova economia? A resposta é clara: o investimento na qualidade da educação deve ser tratado com a prioridade que merece. Do contrário, o Brasil estará condenado ao triste papel de país do futuro. Um futuro, que por falta de políticas públicas à altura de seu potencial de desenvolvimento, parece nunca chegar.

(*) **Luiz Gonzaga Bertelli** é presidente executivo do CIEE, da Academia Paulista de História - APH e diretor da Fiesp.